

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Instituto de Estudos Clássicos

**Boletim  
de  
Estudos Clássicos**

vol. 24



**DEZEMBRO 1995  
COIMBRA**

— as tensões sociais ("Dike, cidadania e mulher na pólis"...);  
O voto final, obrigatório, sincero: *ad multos annos!*

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

### LATIM VIVO

Tive há algum tempo o privilégio de participar numa visita ao interior do estado do Vaticano (palácios e jardins), integrada num grupo de pessoas de diferentes proveniências linguísticas, cujo único elemento comum era a origem latina. Por essa razão o nosso guia, o Padre Foster, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana, acompanhou-nos não em língua inglesa, como se faria em viagem encomendada por qualquer agência turística, nem em italiano, como seria legítimo que fizesse, em prejuízo da compreensão dos ouvintes todos recém-chegados a Itália, mas ousadamente em Latim, a língua até hoje mais 'universal'. Nós os visitantes seguimo-lo com atenção, interrompendo-o apenas timidamente quer para pedir esclarecimentos, quer para gozarmos também nós da oportunidade de dialogar numa língua que até agora só conhecíamos escrita. Durante duas horas foi possível observar que, para alguns, o Latim continuava a ser uma língua viva.

Vêm a seguir as solenes liturgias Pontifícias, na não menos solene basílica que os nossos humanistas viram erguer sobre as ruínas de Constantino. A elas acorrem os mais variados turistas, do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul. Na leitura das Sagradas Escrituras cada um pode ouvir a sua própria língua, até que finalmente o vernáculo dá lugar à

língua litúrgica própria do rito ocidental, o Latim. Nem por isso o momento é de maior passividade ou a distância aumenta entre os fiéis. Antes mostram estar familiarizados com o canto gregoriano e ser sensíveis à palavra que pronunciam naquela língua diferente do quotidiano, a língua que por certo conheceram sem instrução e que aceitaram por herança dos que muitos séculos antes os precederam no baptismo.

Alguns diriam que estamos diante de um fenómeno de obscurantismo religioso, de tal forma esta prática se tornou alheia aos nossos hábitos desde que o vernáculo se estendeu a todas as celebrações. E no entanto as disposições do Concílio Vaticano II para a reforma litúrgica estabeleciam o seguinte: *Linguae latinae usus, salvo particulari iure, in Ritibus Latinis servetur (Sacrosanctum Concilium 36,1)*: *No rito latino, salvo direito particular, mantenha-se o uso da língua latina.*

Ainda sobre a língua de culto, afirma-se mais adiante: ... *procure-se que os fiéis sejam também capazes de recitar ou cantar juntos em Latim as partes do Ordinário da Missa que lhes corresponde (S.C. 54); A tradição musical da Igreja Universal constitui um tesouro de valor inestimável (S.C. 112). Quanto à língua que deve usar-se cumpra-se o disposto no art. 36.(S.C. 113); Conserve-se e cultive-se com o maior cuidado o tesouro da Música Sacra. Fomentem-se diligentemente as Scholae Cantorum (S.C. 114); A Igreja reconhece o canto gregoriano como próprio da liturgia romana; em igualdade de circunstâncias portanto há que dar-lhe o primeiro lugar nas acções litúrgicas (S.C. 116);*

A utilidade pastoral da língua vernácula nas acções litúrgicas é sem dúvida uma ideia bastante reiterada pelos autores do documento, mas as palavras são estas:

39,4: *lingua vernacula adhiberi potest*

76,3: *fieri possunt lingua vernacula*

78,4: *dici potest lingua vernacula*

101,2: *lingua latina clericis servanda est*

A comissão litúrgica que elaborou a *Sacrosanctum Concilium*, constituída por dezanove componentes e trinta e um consultores, na sua maioria académicos vindos dos quatro cantos do mundo, não esperava decerto que as suas orientações viessem a significar o quase total esvaziamento do Latim, na promoção absoluta do vernáculo, isto é, que uma cláusula particular se sobrepujasse à regra geral.

A louvável intenção de fazer entender os textos sagrados pelo modo mais eficaz, eliminando o Latim da língua de culto, enferma porém de uma pedagogia demasiado intelectualista, absolutizadora do discurso, presume ainda da falta de instrução dos fiéis, (o que não anda longe da realidade — mas quantos são os que entendem afirmações como 'consustancial ao Pai?'), e ignora uma parte da sensibilidade popular que deseja, também nas palavras, distinguir o espaço do religioso do espaço do profano. Foi essa sensibilidade que despertou há pouco quando as editoras discográficas lançaram no mercado o canto gregoriano dos monjes de S. Domingos de Silos. O sucesso foi indiscutível. E ainda assim a Igreja, envergonhada, tarda em servir-se das baixelas que lhe pertencem, limitando-se a admirá-las nas vitrines dos Museus, como se fossem já mortas.

No mesmo espírito da *Sacrosanctum Concilium*, o Decreto *Optatam Totius*, sobre a revisão dos estudos eclesiásticos, aconselhava a que os estudantes tivessem uma suficiente formação humanística e científica e

adquirissem além disso um tal conhecimento da língua latina que pudessem entender e utilizar directamente as fontes de numerosas ciências e os próprios documentos da Igreja, isto é, conhecessem o sentido autêntico dos textos e soubessem explicar as traduções em língua moderna, confrontando-as com o original: *Tenha-se como necessário o estudo da língua litúrgica própria de cada rito e fomente-se muito o conhecimento conveniente das línguas da Sagrada Escritura e da Tradição* (O.T.13).

Foi, por outro lado bastante interessante a sensação experimentada durante as celebrações pontifícias ao identificar a proveniência dos diversos celebrantes pelas peculiaridades das pronúncias tradicionais do Latim. Uma sensação aliás análoga à que temos ao ouvir a Oração Universal, sempre pronunciada em vernáculo, quando percebemos se o leitor é português ou brasileiro, açoreano ou transmuntano. O mesmo acontece entre os cristãos orientais, que não eliminaram as suas línguas de culto e que as pronunciam também segundo as suas tradições vivas. Porém, ao ouvir no Vaticano o canto do evangelho em grego, não pude deixar de estranhar as muitas diferenças de pronúncia em relação ao grego estudado na Universidade. Conhecendo por aqueles dias o Padre Demetrios, da comunidade Sículo-Albanesa (Sicília), e pedindo-lhe explicações do facto, respondeu-me com muita bonomia que também eles estudam o grego clássico e aprendem a pronúncia chamada 'erasmiana'. No entanto, quando se tratava do uso vivo da língua, embora a língua em causa não fosse o grego moderno, nenhum fiel se lembraria de pronunciar os ditongos ou de aspirar os espíritos. Acrescentou-me ainda que na área bizantino-eslava o problema de uma 'pronúncia restaurada' nem sequer se colocava pois, mais do que um objecto

de ciência filológica, o paleo-eslavo é para eles o fenómeno vivo de uma língua de culto.

Foi por isso que, sem temer entrar em choque com uma mentalidade ainda dominante no nosso país, foi muito oportuno o gesto com que, por ocasião da Missa de exéquias do Dr. Louro da Fonseca, hoje aqui homenageado, o Prof. Doutor Cónego José Geraldês Freire recitou em Latim toda a Oração Eucarística.

MARGARIDA MIRANDA

### TONGOBRIGA

(Área Arqueológica de Freixo - Marco de Canaveses, Porto / Portugal)

Em 1882, na borda de um poço da aldeia do Freixo, foi recolhido um bloco granítico paralelepípedo, actualmente no Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, onde se lê:

<G>ENIO/<T>ONCOBR/<I>CENSIV<M>/<F>LAVIVS/V(otum).  
S(oluit).A(nimo)

Esta referência a Toncobriga aponta para a existência de uma povoação e a terminação *-briga* indicia a sua situação num ponto alto.

Ptolomeu (2. 6, 38-48) cita a cidade de *Tuntobriga*, situando-a entre Douro e Minho, integrada no território dos *Callaeci Bracari*.

Das interpretações apontadas por diversos autores, optamos pelo nome *Tongobriga*, e identificamos esta cidade com o actual lugar do Freixo, onde as evidências arqueológicas confirmam a propriedade da inscrição encontrada em 1882.

A urbe *Tongobriga* começou a ser escavada em Agosto de 1980, num sítio chamado "capela dos mouros", designação dada pela população local à pequena parte então visível das ruínas romanas. Algumas referências bibliográficas apontavam para a existência de vestígios arqueológicos geralmente identificados com um "castro". Ao longo destes anos de investigação tem sido possível descobrir outros que permitem ampliar a perspectiva cronológica deste sítio.

A estrutura castrejo-romana criada em *Tongobriga*, possivelmente por Augusto, amadureceu política, administrativa e economicamente, resultando daí a instalação de uma cidade como consequência da estratégia flaviana.

A escavação permite dizer que no final do séc I, e ainda no séc. II, surge *Tongobriga* como organismo sócio-económico que concentra não só elementos "residenciais" mas também uma produção artesanal e actividades sistemáticas de "troca", o que justificava a construção do *forum*. Podemos pensar que surgiu também nessa época como centro estruturado do poder, *civitas*, com natural preponderância sobre a região envolvente.

A construção das termas no final do séc. I, do *forum* na primeira metade do séc. II, e demais edifícios públicos identificados, corresponde ao